

A pena de Belisário: narrativas de Nordeste nas correspondências de Belisário Penna

Iranilson Buriti de Oliveira¹

Resumo: A presente pesquisa aborda as imagens construídas pelo médico Belisário Penna (1868-1939) sobre os sertões da Paraíba e do Rio Grande do Norte nas correspondências que o mesmo enviou ao médico paraibano Flávio Maroja, e ao Dr. Accácio Pires, chefe do setor de Profilaxia Rural da Paraíba. Tais correspondências, escritas no período de 1921 a 1926, apresentam cenários de sertão descritos como lugares “excelentes para se viver”, principalmente no que concerne à parte chamada Seridó, narrada por Belisário como um pedaço de Sertão habitado por “uma gente sadia e robusta, operosa e civilizada, constituída de brasileiros genuínos, sem mistura, que lutam heroicamente com uma natureza hostil e a vencem pelo trabalho e pela inteligência, graças à saúde que desfrutam, porque ali desconhecem geralmente a opilação e a malária”.

Palavras-chave: educação, saúde, nordeste

Abstract: This research addresses the images constructed by the doctor Belisário Penna (1868-1939) on the sertões of Paraíba and Rio Grande do Norte in the same matches that sent the doctor paraibano Flávio Maroja, and Dr. Accácio Pires, head of business Rural Prophylaxis of Paraíba. Such correspondence, written in the period 1921 to 1926, show scenes of backlands described as places "to live good", especially with regard to the called party Seridó, narrated by Belisário as a piece of Sertão inhabited by "people a healthy and robust , operates and civilized, consisting of Brazilians genuine, unadulterated, who struggle heroically with a hostile nature and win by work and intelligence, through the health they enjoy, because there usually know the opilação and malaria."

Keywords: education, health, northeast

Introdução

“Sem saúde physica, moral e intelectual, nenhum povo pode caminhar-se com os que caminham na vanguarda da civilização e fatalmente acabará escravizado ao domínio estranho”. (Belisário Penna – Revista Nacional de Saúde Pública, Jan. 1931)

A presente pesquisa aborda as imagens construídas pelo médico Belisário Penna (1868-1939) sobre a educação sanitária no período da Primeira República (1889-1930), tendo como fontes as correspondências trocadas entre Belisário e vários médicos do Brasil, dentre os quais os doutores Flávio Maroja e Accácio Pires e outros intelectuais como Monteiro Lobato. Artigos em diversos jornais do Brasil também fazem parte desse corpus documental

¹ Universidade Federal de Campina Grande. Doutor em História. Agência Financiadora: CNPq.

que recortamos para problematizarmos as aproximações entre os saberes médico e o pedagógico, num contexto em que o Brasil precisava se inscrever internacionalmente como a pátria da “ordem e do progresso”.

Além desse acervo documental pesquisado na Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz, Fundo Belisário Penna, outros documentos são importantes para esta análise, particularmente a obra lançada em 1918, intitulada *Saneamento do Brasil*, na qual a educação sanitária aparece como uma temática que merece ser considerada, conforme Penna, pelos políticos e intelectuais da Nação. Neste livro, escreve como epígrafe o seguinte:

“O Brasil é um país doente no sentido literal da expressão. A nossa miséria financeira e econômica é o reflexo da desnutrição orgânica que converte a maioria dos nossos concidadãos em inúteis unidades sociais, incapazes de concorrer com a quota do seu esforço para o aumento da riqueza comum”. (PENNA, 1918, p.41)

Em *Saneamento do Brasil*, Penna conclui que, à exceção de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, as demais unidades da Federação brasileira só cuidavam das condições sanitárias das capitais e de algumas poucas cidades do interior, deixando a população, principalmente da área rural, entregue à própria sorte, atacada pelas endemias que grassavam o país, com destaque para o amarelão, a malária e a doença de Chagas, às quais o governo federal deveria dar combate através de uma política de educação sanitária. Para lutar pela implementação em todo o país de um programa de educação e saúde pública, Belisário Penna e outros sanitaristas fundaram, em 1918, a *Liga Pró-Saneamento do Brasil*², objetivando alertar políticos e intelectuais para a precariedade das condições sanitárias e obter apoio para uma ação pública efetiva de saneamento no interior do país. Para analisarmos a documentação, lançamos mão em nossa metodologia de teóricos da Nova História Cultural francesa, dentre os quais Roger Chartier e Michel de Certeau, com os quais dialogamos a partir dos conceitos de recepção, leitura, cotidiano, estratégias e táticas. Esses teóricos nortearam toda a leitura da documentação e foram fundamentais para recortarmos os objetivos da pesquisa, dentre os quais fazer algumas aproximações entre os saberes médico e o educacional, tomando como referência temporal a Primeira República e a escola brasileira como referência espacial. Nessas aproximações, analisamos a presença do discurso médico orientando o saber pedagógico e a recepção desse ideário médico-sanitarista pelos educadores do Brasil.

² A Liga Pró-Saneamento do Brasil “tinha como objetivo principal a criação de uma agência pública de âmbito federal que uniformizasse os serviços, realizasse e coordenasse ações de saúde em todo território nacional e superasse os limites constitucionais impostos à ação da União, restrita na área de saúde pública ao Distrito Federal e aos portos”. (Hochman et all. 2002, p. 240)

Desta forma, esta pesquisa objetiva colocar em análise os escritos de Belisário acerca da educação sanitária na Primeira República, mostrando como este médico procurava apresentar as heterogeneidades acerca da saúde e da doença da cartografia brasileira, ao mesmo tempo em que desconstruía as imagens estereotipadas de que apenas o sertão estava envolto pela miséria e pela doença. Nas primeiras décadas do século XX, os médicos chamaram para si o poder de remediar e educar a população, curar os “males do país”, assumindo a questão da educação pública. Os discursos médicos vinham quase sempre acompanhados por uma preocupação com a legitimidade, com o controle social e com a afirmação desta categoria profissional como fundamental para a implementação de um projeto saneador e modernizador. Dessa forma, médicos como Belisário Penna estabeleceram as escolas como clínicas em que os males nacionais associados à mistura de raças poderiam ser curados. Suas crenças forneceram um poderoso motivo para a construção de escolas e moldaram a forma como essas escolas funcionariam. Como um fervoroso defensor da aliança entre pais e escola, objetivando melhorar tanto o organismo das crianças quanto o da sociedade brasileira, Penna reclamava, em seus escritos, da falta de interesse dos pais pela educação dos filhos e do governo federal para salvar o Brasil pela educação. A pena de Belisário escreveu, portanto, discursos para pedagogizar a própria escola, alertando-a sobre a importância da educação em seu sentido mais amplo.

As correspondências: fragmentos de um discurso (a)moroso



Retratado como ministro.

(Arquivo COC – Fundo Belisário Penna)

A foto acima serve de mote para começarmos esta conversa sobre Belisário Penna. Sentado como ministro interino do Ministério da Educação e Saúde Pública, em 1931, o fotógrafo retrata o médico. Cada detalhe é pensado, pintado, colocado em cena. O pincel do retratista desenha um homem que desenhou o sertão, pinta um médico que pintou o Brasil e as suas condições sanitárias, põe em cena um sanitarista que visitou vários cenários nacionais do Nordeste, nos quais inspecionava a falta de infra-estrutura sanitária. O pincel do artista contorna delicadamente a armação dos óculos. Belisário, até mesmo na pintura, precisava ter uma visão clara, nítida sobre a nação. Sóbrio, o médico espera pacientemente o fruto do trabalho do artista. Sentado, parecia imóvel diante do outro, parado ante a imagem para ele ainda desconhecida. O retratista vê dois rostos do médico: o real e o representado. Belisário não vê nenhum rosto de si, mas enxerga outros cenários, outras rostidades, as cartografias além da tela e do fotógrafo da Foto Voltaire. Vê além do retratista, pois mesmo sentado, enxerga a vida e a morte, pois desenha não com o pincel, mas com a pena. Enxerga os sertões, o nordeste, as áreas úmidas do brejo com águas estancadas e a umidade do solo e do ar; enxerga “léguas e léguas de caatinga (...) onde predominam ora o marmeleiro selvagem, ora a jurema, ora a faveleira e os cactos, com especialidade o chique-chique, coberto de espinhos longos, pontiagudos e penetrantes”³. A visão de Belisário vai muito além do seu gabinete de Ministro e, dessa forma, consegue ver que no sertão, próximo das “vazantes dos leitos dos rios, onde se cultivam cereais e algodão, a água é coletada em cacimbas e açudes”⁴. O que estaria pensando Belisário ao ser retratado? Estaria, talvez, pensando no Brasil e nos seus habitantes, nas péssimas condições sanitárias que são muito mais visíveis do que um retratista pode representar. E muitas dessas condições estão descritas num outro tipo de documentação histórica: as correspondências.

As correspondências íntimas são retratos de si, pedaços de nós que escrevemos para os outros, são maneiras de conduzir alguém até si mesmo, formas de expressar as palavras e renovar experiências. São confidências íntimas que brotam do nosso coração, carregadas de sentimentos, de emoções, de geografias que nos caracterizam, que mostram que paisagens existem dentro de nós. São vestígios de histórias esmigalhadas, fontes de memórias, textos autobiográficos que compõem a coleção pessoal do autor. Para Belisário, escrever era uma viagem de volta a outros tempos, a lugares visitados por ele e Artur Neiva quando da viagem científica de 1912, passando pelos vários bairros do Rio de Janeiro, desde Pavuna a

³ Impressões de Viagem, 1926.

⁴ Idem.,.

Jacarepaguá. Mas esta viagem de volta não era apenas um passeio por estes lugares, mas por múltiplos, pois o ato de escrever está intrincado na rede tecida pelas situações em que a carta é escrita, ou lida, e pelas condições sócio-históricas em que ela é produzida. Mas, também, é uma viagem de volta a si mesmo, ao seu interior, as suas emoções e geografias sentimentais. Nas diversas cartas, Belisário expõe suas dores, seus medos, suas tensões políticas, suas encrencas com outros médicos e intelectuais que não concordavam com seus artigos publicados, com seus textos escritos. Escreve para muitos amigos, dentre os quais Monteiro Lobato, Waldredo Guedes Pereira, Flávio Maroja, Accácio Pires, J. A. de Magalhães, Oswaldo Aranha, dentre outros.

As correspondências são flertes com a nossa memória, namoros com a nossa história, enlace sentimental com o leitor. É uma viagem até o fundo do nosso eu, ao mesmo tempo em que é, também, um retorno em busca de nossos traços autobiográficos nos lugares mais recônditos do interior de nós mesmos. Mediante o documento epistolar, o sujeito está constituindo, no cenário moderno, identidades para si através da escrita: “Embora o ato de escrever sobre a própria vida e a vida de outros, bem como de escrever cartas, seja praticado desde há muito, seu significado ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno” (GOMES, 2004, p.11).

Conforme Michel de Certeau (1990), as cartas não são uma escrita fabricada, pois se inserem na realidade de quem as escreve e no cotidiano de quem as lê. Nos escritos epistolares, estão classificações, divisões, delimitações que organizam e representam o mundo social. Nessas representações do cotidiano construído social e politicamente, as cartas mostram realidades que, muitas vezes, não estão expressas nos livros ou nos impressos. Assim, a carta é uma viagem escrita com o coração, com ideias, sentimentos, paisagens, calor, tudo se encaixando no movimento convulsivo da ponta do lápis, da ponta da pena de Belisário. Escrever, para este médico, é uma maneira de tornar o Brasil conhecido para si e para os demais:

Quanto mais viajo terras do Brasil, mais me certifico do pouco que é ele conhecido dos brasileiros, e mais se fortalece a minha convicção de que o combate, pela educação higiênica do povo e pelo saneamento da terra, aos dois flagelos endêmicos nacionais – amarelão e malária – constitui a chave do povoamento “útil”, da prosperidade “real” e da grandeza “efetiva” da nação. (Impressões de Viagem – Brasil Desconhecido. Flagelos nacionais – prova e contraprova, s/d. Manuscrito – Fundo BP, COC)

Escrevendo sobre o Brasil, Penna mostra suas angústias diante das realidades da nação. Em carta, descreve suas convicções sobre o poder da educação higiênica, acerca da forma correta de sanear a nação, de construir uma identidade nacional:

O nosso país, que tanto se preocupa com a valorização de produtos naturais, não cuida da valorização que, por si só, valorizaria tudo mais – a do homem – de que a educação higiênica do povo e o saneamento da terra, visando, principalmente debelar os dois maiores flagelos endêmicos nacionais”. (Impressões de Viagem – Brasil Desconhecido. Flagelos nacionais – prova e contraprova, s/d. Manuscrito – Fundo BP, COC)

Como asseverou Paul Ricouer, “nossa própria existência não pode ser separada do modo pelo qual podemos nos dar conta de nós mesmos”. Para esse autor, é contando nossas próprias histórias que construímos, para nós mesmos, uma identidade. “Reconhecemo-nos, a nós mesmos, nas histórias que contamos sobre nós mesmos” (1985, p.213). É isto que encontramos em diversos momentos nas cartas de Belisário Penna. Nos deparamos não apenas com a educação sanitária, mas com os elogios ao seridó nordestino, com narrativas, com retratos feitos em forma epistolar, tecendo um outro sertão, bordando um outro nordeste mais heterogêneo, habitado tanto por “ignorantes” quanto por “cultos”:

“Nas cinco cidades que visitei – Santa Cruz, Currais Novos, Acary, Jardim do Seridó e Caicó, encontrei muita gente culta, moças e senhoras finamente educadas, trajadas à moda, sem exageros condenáveis, casas confortáveis de estilo moderno, mesas bem postas e bem servidas, alimentos saudáveis e variados, frutos saborosos, tudo isso num ambiente simples, cordial e hospitaleiro. (Impressões de Viagem – Brasil Desconhecido. Flagelos nacionais – prova e contraprova, s/d. Manuscrito – Fundo BP, COC)

Narrando uma região mais heterogênea, Penna faz descrições acerca do Seridó do Rio Grande do Norte, quando de sua viagem, em 1926, por aquelas paragens.⁵ As cidades de Santa Cruz, Currais Novos, Acari, Jardim do Seridó e Caicó foram alvo direto dos comentários que Penna faz na carta escrita, talvez, a Flávio Maroja⁶. Ao sair de Caicó para a cidade da Parahyba (atual João Pessoa), Penna passa em muitas outras cidades, mas o que lhe encanta são os cenários nos quais inexistem o amarelão e a maleita.

Na região seca do Sertão do Seridó [Rio Grande do Norte], aprecia-se a luta vitoriosa do homem contra a hostilidade da natureza, graças à saúde que ele desfruta, apesar da ignorância quanto aos meios de defender e conservar, porque a própria hostilidade do ambiente é infensa aos fatores de desenvolvimento dos dois flagelos. (**Impressões de Viagem – Brasil Desconhecido**. Flagelos nacionais – prova e contraprova. (manuscrito – Fundo BP, COC)

⁵ Em 1926 Belisário Penna visita três estados do Nordeste – Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte.

⁶ Este manuscrito não tem destinatário, mas uma carta de igual teor mas com conteúdo resumido foi remetida, em 1926, ao médico paraibano Flávio Maroja.

E continua,

Da inexistência, no sertão do seridó do Rio Grande do Norte, do amarelão e da maleita, resultam o magnífico aspecto de saúde, a operosidade, a alegria, a cordialidade e solidariedade daquela boa gente, constituída de brasileiros genuínos, sem misturas, que criaram ali um centro de civilização em cidades bem construídas, limpas, com casas higiênicas, confortavelmente mobiliadas, onde não se vêem choças de palha, nem mesmo casas de taipa cobertas de palha, onde não há miséria, sendo raros os latifúndios, dividida a terra entre muitos, disso resultando o bem estar geral; onde a criança é sadia e viva, freqüentado as de idade escolar, com prazer e aproveitamento, as escolas, que não faltam, isoladas ou em grupos, em nenhuma das cinco cidades que visitei, servidas de professorado competente e dedicado, com programas simples e adequado ao meio. (**Impressões de Viagem – Brasil Desconhecido**. Flagelos nacionais – prova e contraprova. (manuscrito – Fundo BP, COC)

Nas citações acima, podemos perceber como esse médico pinta e borda pedaços de si e de outrem. Por meio das palavras que lhe são próprias, Penna fabrica e faz surgir mundos, nordestes, sertões, homens seridoenses com “magnífico aspecto de saúde”, operosos, alegres, cordiais e solidários. Um pedaço de sertão habitado por “brasileiros genuínos, sem misturas, que criaram ali um centro de civilização em cidades bem construídas, limpas, com casas higiênicas, confortavelmente mobiliadas” (idem). Homens sadios, interessados nos assuntos de saneamento: “Foi imensa a minha satisfação, nessa rápida excursão pelo Nordeste, por verificar entre toda a gente, de todas as categorias sociais, o interesse que despertam os assuntos da higiene e saneamento, e o que já se realiza nesse particular” (Carta a Flávio Maroja, 1 de maio de 1926). Nesse “outro nordeste” percorrido por Penna, não há, sequer, “casas de taipa cobertas de palha (...), sendo raros os latifúndios, dividida a terra entre muitos, disso resultando o bem estar geral”. Na referida carta, Penna mostra-se surpreso ao verificar “o progresso intelectual e do bem estar material daquelas populações de brasileiros”, habitantes de uma “região hostil de natureza”. E, ainda surpreso, descreve o cotidiano do seridoense dessas cinco cidades supracitadas, mostrando que nelas “a criança é sadia e viva, freqüentado as de idade escolar, com prazer e aproveitamento, as escolas, que não faltam, isoladas ou em grupos, em nenhuma das cinco cidades que visitei, servidas de professorado competente e dedicado, com programas simples e adequado ao meio” (Impressões de viagem...).

Penna inscreve nas folhas em branco sua visão sobre o Brasil, sobre a higienização do povo, sobre a sanitização. Ali deposita seus medos, projetos, anseios e tensões políticas, memórias, práticas médicas. Dá vazão aos desejos mais escondidos de sua alma. Descreve sua

ideologia sobre as campanhas de profilaxia, muito em voga nesse contexto, conforme asseveram os autores Gilberto Hochman, Maria Teresa B. de Mello e Paulo Santos (2002, p. 242):

A característica principal das campanhas de profilaxia rural nesse período foi seu forte componente ideológico, leia-se a associação entre nacionalismo, processo civilizador e saúde pública. Do ponto de vista médico-sanitário, o problema das endemias rurais certamente não foi superado, mas as estruturas organizacionais e profissionais que se formaram com as ações de profilaxia e saneamento rural constituíram o processo de formação da autoridade pública no Brasil e legaram ao período posterior as bases para uma política nacional de saúde.

No manuscrito “Impressões de Viagem”, Penna deixa claro a sua frustração pela ausência de políticas públicas efetivas no combate à falta de informação sobre o cuidado com o corpo, com as práticas de higienização. Narrando a região pantanosa do brejo paraibano, pela qual passou em 1926 quando vinha do Rio Grande do Norte, o médico destaca a falta de desobstrução dos cursos d’água, a não drenagem dos pântanos e o descuido com os dejetos humanos e animais. Como inexitem fossas na grande maioria das casas, “os mosquitos veiculadores da malária criam-se livre e abundantemente, e as larvas e embriões de vermes intestinais pululam no solo e nas águas, infectando e infestando toda a população, arrastada, assim, a anemia e a degradação, desvalorizada pelos dois grandes flagelos nacionais – ‘amarelão’ e ‘maleita’”.

A escrita de Belisário, tal como uma fotografia, cria o que ele tenta apreender, potencializa o contato com sua singularidade, o mergulho na interioridade do conhecimento de si. São, também, narrativas escritas para encurtar distâncias entre o Rio de Janeiro e o Nordeste, amenizar ausências, comunicar saudades sobre a família de Flávio Maroja e outras personalidades. Escritos que proclamam o espaço da educação sanitária enquanto sagrado, enquanto um lócus de apropriação política e familiar. Uma escritura que narra, também, as entranhas (auto)biográficas e procura dar voz e sentido ao eu, tornando sua vida *uma obra que seja portadora de certos valores estéticos*.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2 ed., Rio de Janeiro: Forense, 2000.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HOCHMAN, MELLO E SANTOS. A malária em foto: imagens de campanhas e ações no Brasil da primeira metade do século XX. P.242. *História, ciências, saúde*. Manguinhos. vol. 9 (suplemento):233-73, 2002

MIGNOT, Ana Chrystina V.; BASTOS, M. Helena C.; CUNHA, Maria Teresa dos S. *Refúgios do eu. Educação, história, escrita autobiográfica.* Florianópolis: Mulheres, 2000.

PENNA, Belisário. *Saneamento do Brasil.* Rio de Janeiro, Typ. Revista dos Tribunais, p. 41. 1918.

RICOEUR, Paul. *Temps et récit – v. 3.* Paris: Éditions du Seuil, 1985.

THIELEN, Eduardo V.; Benchimol, Jaime L.; Albuquerque, Marli B. de; Santos, Ricardo A. dos; Alves, Fernando P. e Weltman, Wanda. 1991 *A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913.* Rio de Janeiro, Fiocruz.

THIELEN, Eduardo Vilela; SANTOS, Ricardo Augusto dos. *Belisário Penna: notas fotobiográficas.* Hist. cienc. saude-Manguinhos vol.9 no.2 Rio de Janeiro May/Aug. 2002.